

DIÁLOGOS ENTRE A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA PELA PESQUISA E A PESQUIS(A)ÇÃO NA ARTICULAÇÃO DESSE DIÁLOGO

*Dialogues between school and university: geographic education through
research and research in the articulation of this dialogue*

Daniel Almeida Bezerra

Rede Estadual de Ensino da Paraíba - SEDUC/PB

Luiz Eugênio Pereira Carvalho

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

RESUMO

Na abertura do diálogo entre nossa escola e as universidades através da pesquisa como instrumento de mediação teve como problema-guia: quais às contribuições da educação geográfica pela pesquisa na articulação entre a Geografia escolar e a cidade, visando a construção de uma proposta de educação integral, para as escolas regulares, na rede estadual de ensino da Paraíba? Nosso objetivo geral com estas ações colocaram em diálogo a EEEFM Nossa Senhora Aparecida e as Universidades, museus, teatro, feira-livre, cidades, parques ambientais, projetos científicos, escolas públicas, foi o de interagir para fortalecer a construção de uma *rede colaborativa de pesquisa e de formação continuada*, na escola, a partir de relações que envolvam Ensino, Pesquisa e Extensão, num diálogo construtivo entre a Escola e a Universidade. A metodologia adotada em nossa pesquisa de doutorado foi/está sendo a pesquis(a)ção (BARBIER, 2007; ENGEL, 2000; TRIPP, 2005; THIOLENT, 2002). Ela se encontra em andamento e busca construir através do diálogo entre as pessoas, as instituições, os espaços – pavimentando as pontes entre a Escola e a Universidade com a *educação pela pesquisa* (DEMO, 1998), da *pesquisa enquanto princípio educativo* (DEMO, 1999) e assim como Zeichner (1998) propõem – o professor-reflexivo sobre sua própria prática busca transformar o espaço escolar em espaço de produção de conhecimento e não apenas reprodução.

Palavras-Chave: Geografia; Escola; Cidade; Universidade; Pesquisação.

ABSTRACT

In opening the dialogue between our school and universities through research as a mediation instrument, the guiding problem was: what are the contributions of geographic education through research in the articulation between school Geography and the city, aiming at the construction of a comprehensive education proposal, for regular schools, in the state education network of Paraíba? Our general objective with these actions put the EEEFM Nossa Senhora Aparecida and Universities, museums, theater, street markets, cities, environmental parks, scientific projects, public schools into dialogue, was to interact to strengthen the construction of a collaborative network of research and continued training, at school, based on relationships involving Teaching, Research and Extension, in a constructive dialogue between the School and the University. The methodology adopted in our doctoral research was/is being dog research (BARBIER, 2007; ENGEL, 2000; TRIPP, 2005; THIOLENT, 2002). It is ongoing and seeks to build through dialogue between people, institutions, spaces – paving the bridges between the School and the University with education through research (DEMO, 1998), research as an educational principle (DEMO, 1999) and just as Zeichner (1998) proposes – the teacher who reflects on his own practice seeks to transform the school space into a space for knowledge production and not just reproduction.

Keywords: Geography; School; City; University; Research.

PRIMEIROS PASSOS: ENREDANDO OS FIOS DA REDE DIALÓGICA ENTRE ESCOLA E A UNIVERSIDADE

O presente texto é um breve relato de diálogos e reflexões construídas ao longo do primeiro e, segundo semestres de 2023, em alguns *coletivos sociais* importantes para a articulação entre a geografia escolar, o ensino de geografia e a educação geográfica na cidade (CAVALCANTI, 2008) de Campina Grande, na Paraíba. Primeiramente, nas disciplinas cursadas em nosso doutorado em Geografia, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal da Paraíba (PPGG-UFPB), sob orientação do Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho (PPGG-UFPB-UFCG).

A escrita do presente texto foi feita ao final do primeiro ano de nosso doutorado, após a conclusão da disciplina *Metodologias para o ensino de geografia* (PPGG-UFPB), ministrada pela Prof^a. Dra. Ana Carolina de Oliveira Marques e pelo Prof. Dr. Lenilton Francisco de Assis, onde dialogamos, no segundo semestre de 2023, com mestrandos e doutorandos em Geografia, além de professores universitários convidados, momentos em que debatermos sobre os elementos que envolviam esse diálogo entre escola e a cidade, entre a escola e a Universidade, na direção de uma formação cidadã.

Também contribuíram para a escrita do presente texto as experiências coletivas compartilhadas através do Projeto de Extensão Campinaandando – construído em parceria entre a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a nossa escola EEEFM Nossa Senhora Aparecida, no bairro do Mutirão, em Campina Grande, na Paraíba, coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho, no qual dialogamos com licenciados, mestrandos e doutorandos, em Geografia, sobre os desafios dessa articulação entre a escola e a cidade numa perspectiva duplamente formativa: escolar e cidadã. Também contribuíram, ativamente, para a formação dos roteiros temáticos do Campinaandando os membros do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino, Meio Ambiente e Cidade (GEMAC-UFCG), também coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho.

Somam-se a esses esforços coletivos as contribuições dos diálogos e das ações pedagógicas realizados na nossa escola: Escola Estadual, de Ensino Fundamental e Médio, Nossa Senhora Aparecida, no Mutirão, em Campina Grande, na Paraíba, no ano de 2023.

Esse conjunto de ações e reflexões coletivas corroboraram, juntas, na construção da reflexão apresentadas, inicialmente, no Encontro Nacional da Rede de Pesquisa “espaço, sujeito e existência” (CNPQ) – que foi realizado na UFPB, em dezembro com o tema *O espaço, o sujeito e sua existência*, e, que nesse momento foram ampliadas a partir da ação de pesquisa que está sendo construída em nosso doutorado em Geografia realizado na Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho (PPGG-UFPB).

Após o primeiro ano do doutorado em Geografia (PPGG-UFPB) articulando ações entre a escola e a cidade, e, entre a escola e a universidade, na direção de uma formação cidadã, o tema do Encontro Nacional da Rede de Pesquisa: *Espaço, sujeito e existência* constituiu

para todos nós, na atual quadra da história, uma reflexão sobre o nosso exercício duplo de resistência. Primeiramente, ao negacionismo à ciência, e, em segundo lugar, aos ataques à democracia em que o povo brasileiro foi submetido no (des)governo que se estabeleceu no Brasil entre (2019-2022). Mas estes ataques à ciência e a democracia revelaram, por outro lado, a força da Ciência brasileira, através das vidas salvas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e, da nossa democracia que resistiu aos fortes ataques e ensaio de golpe de Estado (08/01/2023). Nesse contexto, segundo Assis (2023) vivenciamos as políticas educacionais na trincheira entre a descontinuidade de políticas de governo e na ausência de uma política de Estado. Nessa direção, segundo Assis (2023), precisamos, da construção de uma crítica à *teoria do capital humano*, à qual vincula a educação às políticas econômicas e, o sujeito ao modo de produção capitalista.

Durante o período pandêmico (2020-2022) salientamos a importância da escola, ainda que de forma virtual, mas num esforço, sensivelmente, real, de combate ao vírus não apenas da *Covid-19*, mas especialmente, do vírus da desinformação – as chamadas *fake news*, em especial, àquelas que desacreditavam a ciência e a vacina. Se a vacina foi uma vitória da ciência sobre o vírus, do ponto de vista da dimensão política, ainda em 2022, a vitória nas urnas de um novo projeto político para sociedade brasileira, salvou a democracia do autoritarismo e nos lançou a um novo projeto social que precisará, permanentemente, da contribuição e participação de todos nós – num debate franco, horizontal e qualificado entre toda a sociedade brasileira – sobre as garantias e direitos fundamentais para todos. Nesta direção, buscando a valorização de uma educação científica, e comprometida com a transformação social, com a democracia, ao longo do primeiro e segundo semestres de 2023, realizamos um conjunto de ações pedagógicas, articuladoras entre os espaços formativos da escola, cidade e universidade. Assim, como professor da disciplina de Geografia, buscamos contribuir com a construção de uma *educação geográfica pela pesquisa* – a partir da abertura de um diálogo entre o espaço da *Escola Nossa Senhora Aparecida*, no bairro do Mutirão, em Campina Grande, na Paraíba, com a *Universidade Federal da Paraíba (UFPB)* e, com a *Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)*, na direção de uma educação geográfica emancipadora, construída a partir da abertura e da manutenção do diálogo entre *espaços dialógicos e formativos importantes, a escola e a cidade, a escola e a universidade*.

Experiências de diálogo entre a escola e a universidade

Com este propósito da abertura de diálogo entre a nossa escola – EEEFM Nossa Senhora Aparecida, no bairro do Mutirão, em Campina Grande, na Paraíba, e, a universidade, participamos na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) da *V Semana de Geografia: ser, pensar e fazer – (re)significando a Geografia na atualidade*, realizado de 27 a 31 de março de 2023.1 e dialogamos sobre o valor e o significado da pesquisa em sua dimensão científica, estética e política com os professores: Dr. Jan Bitoun (UFPE), Dr. Rodrigo Pessoa (UFCG-Cajazeiras), Dr. Lenilton Francisco de Assis (UFPB), Dr. Luis Eugênio Pereira de Carvalho (UFCG-Campina Grande) – nosso orientador no Doutorado em Geografia (PPGG-

UFPB). Os diálogos gravitaram em torno do *ser, pensar e fazer* – articulado ao *significado/valor da pesquis(a)ção* e lançaram-nos como propostas reflexivas: 1) partirmos de problemas reais, em vez de apenas delinear temas, para em seguida descrever e catalogar, empiricamente, o que a atividade de campo, de pesquisa, pode nos revelar; 2) explicar e refletir sobre as bases teórico-conceituais e metodológicos, suas potencialidades e limitações; 3) valorizar a construção de *objetos de conhecimento híbridos* (sociedade-natureza) com consciência dos limites da integração de dados, informações e matrizes teóricas. Esses elementos convergem, no nosso entendimento, para uma educação geográfica pela pesquisa, ou seja, a pesquisa, tomada aqui como princípio científico e educativo (DEMO, 1998, 1999).

Tanto para o professor Jan Bitoun (UFPE), quanto para a professora Dirce Suertegaray (2021), o debate sobre o *objeto híbrido* da investigação científica, nos ajuda a compreender a unidade da diversidade, a natureza híbrida do objeto da ciência geográfica, o espaço geográfico – para eles traduzido no conceito de *ambiente* – síntese do binômio sociedade-natureza. A educação geografia e o ensino de geografia que perseguimos, assenta-se nessa *práxis*, como síntese do binômio teoria-prática. Como mediação metodológica para a investigação desse objeto híbrido os debates introdutórios, ainda no primeiro semestre de 2023, gravitaram em torno da metodologia da pesquisa – nesses debates, dialogamos com Lima Júnior (2021), Engel (2000) e Barbier (2007). Aprofundaremos essa metodologia em tópico à seguir.

Nesse híbrido que se constitui o objeto da ciência geográfica, a escola pode construir com a cidade, através do ensino de geografia, uma dimensão duplamente formativa, educadora, na direção da dimensão da cidadania, na exata medida em que é o espaço adequado e qualificado para o debate científico. Nessa direção Gallo (2008) nos propõe uma reflexão na sua dissertação de mestrado intitulada: *Cidade e ensino de geografia: Contribuição a uma Educação Geográfica da e para a cidade* na qual o desafio dessa interlocução entre a escola e a cidade é feito a partir da relação dos professores com a cidade e dos alunos com suas experiências da cidade. Entendemos que é experimentando estes dois espaços escola e cidade, na mediação da pesquisa, da investigação, da problematização que, conseguiremos, de maneira dialógica requalificar o(s) sentido(s)-significado(s), para nós, de ambos espaços, escola e cidade – que ganham com essa (re)qualificação, sua dimensão educadora (BEZERRA, 2017). Esse desafio é enfrentado por nós, coletivamente, no enredamento de ações aprendizes nestes espaços.

Uma das maneiras por nós pesquisada, nesse primeiro ano de doutorado foi a proposta do jogo geográfico utilizado na articulação entre a cidade e aprendizagem geográfica na escola. Assim dialogamos sobre o potencial do jogo educativo *Alavantu em Campina Grande*, como possível nexos pedagógico para essa mediação. O jogo foi assim organizado:

Alavantú em Campina é um jogo de tabuleiro e cartas, sendo 10 (dez) cartas objetivo; 29 (vinte e nove) cartas lugar; 28 (vinte e oito) cartas de “?” (interrogação); 58 (cinquenta e oito) fichas check-in; 18 (dezoito) tickets

de ônibus; 4 (quatro) quadrilheiros (personagens); 1 (um) dado e 1 (uma) folha de instruções. O recurso teve como proposta a busca por uma dinâmica que contextualizada em Campina Grande - PB fosse capaz de ensinar a Geografia do lugar, superando a memorização. (SANTOS; CARVALHO; DIAS, 2018, p. 69)

Os jogos como mediação pedagógica para o aprendizado da geografia é tema da os a Dissertação de mestrado de Dias (2013) intitulada: *Linguagens Lúdicas como estratégia metodológica para a geografia escolar na revista do ensino de minas gerais (1925 - 1935*. Com esta experiência articuladora entre espaços, sobremaneira, de vivências, somos provocados a compreender que o objeto da ciência geográfica não é um *elemento dado*, mas sim, uma construção – resultado de uma problematização e da condução metodológica, pautada em referenciais teóricos. Pois:

Por um lado, ela [a geografia] afirma seu foco de análise, que é o espaço, mas, por outro lado, torna-se mais consciente de que esta é uma dimensão da realidade, e não a própria realidade, complexa e interdisciplinar por si mesma. O espaço como objeto da análise geográfica não é aquele da experiência empírica, não é um objeto espacial em si mesmo, mas sim uma abstração, uma construção teórica; o espaço geográfico é concebido e construído intelectualmente como um produto social e histórico que se constitui em ferramenta de análise da realidade¹ em sua dimensão material e em sua representação. (CAVALCANTI, 2008, p. 41-42).

Nesse sentido o conhecimento geográfico não é nem um dado natural e nem um constructo individual, mas coletivo! Social, e, historicamente construído. A escolha da metodologia, a pesquisação, tem íntima relação com esse debate acerca de fazermos, na escola, de nossas práticas: de ensino, pedagógica e didática, objetos de investigação, objetos de pesquisa. Nessa direção participamos dos diálogos da *V Semana de Geografia: ser, pensar e fazer - (re)significando a Geografia na atualidade*, ainda no primeiro semestre de 2023. Esses debates foram mediados pelo Prof. Dr. Lenilton Francisco de Assis (UFPB) e, aprofundadas por ele e pela Prof^a Dr^a Ana Carolina de Oliveira Marques no âmbito da disciplina *Metodologias para o Ensino de Geografia* cursada por nós no segundo semestre, entre os dias 28 e 29 de setembro de 2023 (PPGG-UFPB).

Na *V Semana de Geografia: ser, pensar e fazer - (re)significando a Geografia na atualidade* debatemos a importância da experiência na construção de temas de pesquisa geográfica, seja no âmbito da geografia escolar, seja no âmbito da geografia universitária, mas principalmente, no desafio de articulação entre esses esforços de pesquisa nestes espaços formativos. Extraímos como eixos temáticos da articulação escola-universidade: (i) a tríade constitutiva da *práxis*: ensino, pedagógica e didática; (ii) pedagogia de projetos (DIAS; PEREIRA; CARVALHO, 2020) e os projetos de pesquisa como princípio científico e educativo (DEMO, 1998, 1999); (iii)

¹ Grifos nossos.

Já na disciplina *Metodologias para o Ensino de Geografia* debatemos temas importantes para nossa pesquisa doutoral e para a construção de uma *educação geográfica pela pesquisa*, na escola, articuladora entre esse espaço formativo e a cidade e, entre ela e a universidade, quais sejam: (i) metodologias que pavimentam a investigação acerca da nossa prática de ensino, pedagógica e didática na escola como objeto de pesquisa – especialmente, através da: pesquisação, da pesquisa participante, e, da pesquisa colaborativa; (ii) a relação escola-cidade como dinâmica contributiva a construção de espaços formativos para os docentes e discentes: os museus, em especial, mas também, as feiras, as praças públicas; (iii) a excursão geográfica como estratégia articuladora entre escola e a universidade (BEZERRA, 2017), especialmente, através da extensão universitária, e entre as escolas públicas, na direção da construção de uma *agenda de pesquisa colaborativa* comum entre esses espaços formativos (Escola-Cidade) em torno do eixo cidadania (CAVALCANTI, 2008); (iv) a importância da relação escola-cidade e da relação escola-universidade para a formação cidadã e na formação de identidades de nossos alunos; (v) a escola enquanto espaço de produção/construção de conhecimento, e, não de mera reprodução do conhecimento científico, sistematizado, pela universidade; (vi) a relação escola-cidade e, escola-universidade como espaços estratégicos para a formação continuada dos professores, na educação básica; (vii) Geografia escolar – Geografia da Educação – Educação Geográfica.

Temos uma contribuição de Cavalcanti (2008) a essa articulação entre escola e cidade quando a autora publica-nos a obra: *A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana* em uma apresentação que segue de sete capítulos, respectivamente: (i) Concepções de geografia e de geografia escolar no mundo contemporâneo; (ii) Bases teórico-metodológicas da geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino; (iii) Uma geografia da cidade: elementos da produção do espaço urbano; (iv) a cidadania, o direito à cidade e a geografia escolar: elementos de geografia para o estudo do espaço urbano; (v) Cidade e vida urbana: a dinâmica do/no espaço intraurbano e a formação para a participação em sua gestão; (vi) Lugares periféricos da cidade, vida cotidiana e o ensino de Geografia; (vii) Cidade, cidadania e possibilidades de realização do ensino de cidade em Goiânia. Assim como a proposta de Gallo (2008). Todos voltados para a construção de uma formação para a cidadania, a partir dessas experiências de pesquisa e, a partir das nossas práticas espaciais (BEZERRA, 2017).

Também na disciplina *Metodologias para o Ensino de Geografia* realizamos uma visita de dois dias (28 e 29 de setembro de 2023) a Escola Nossa Senhora do Carmo (Escola dos Nossos Sonhos), localizada, naquela oportunidade, ainda no sítio do Convento do Carmo ou Convento Carmelita, no município de Bananeiras. Nessa visita a escola conhecemos o trabalho coordenado pela Professora Leila, fundadora da escola junto a comunidade rural de bananeiras. A escola foi reconhecida pelo MEC, em 2016, e já foi premiada por várias organizações nacionais e internacionais que avaliam e difundem o desenvolvimento de boas práticas para a educação de qualidade de crianças e jovens. Com este

reconhecimento do MEC os alunos da escola participam do censo escolar, mas não se submetem a organização nem das escolas municipais, nem estaduais. Possuem, portanto, uma relativa autonomia e se apresentam como uma Escola Comunitária. Na organização da escola há destaque para o educando que pode escolher temas do seu interesse para estudar. A mediação para essa investigação é metodológica. Os alunos da escola estava em nossa visita ansiosos com a construção de um novo prédio, uma nova escola, uma escola pensada pelas crianças – como eixo central de seus objetivos e ações.

Do ponto de vista da prática pedagógica esses temas são organizados pelas professoras nos Projetos de Pesquisa e nas Trilhas Educativas: um caminho metodológico para a construção de sua autonomia e protagonismo. Em 4 de Dezembro de 2022 a escola ficou nacionalmente conhecida após reportagem realizada pela equipe do Globo Rural². A *educação pela pesquisa* (DEMO, 1998, 1997) e a democracia ganham vida nesta singular e especial escola. A experiência de visitar essa escola foi transformadora para todos nós que participamos.

Na organização de nossa *aula de campo* – organizada pelos professores Lenilton e Ana Carolina nossos objetivos com a visita a Escola dos Nossos Sonhos foi o de, inicialmente, vivenciar e observar as práticas educativas que compõem a metodologia da Escola dos Sonhos, em Bananeiras, e que fazem dela uma instituição de referência para a inovação e a criatividade na educação básica do Brasil. Juntamente com os mestrandos, doutorandos e professores convidados da UFPB (Prof. Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso e o Prof. Dr. Fernando do Instituto Federal de Goiânia), realizamos dois dias de imersão no cotidiano da Escola dos Sonhos para conhecer, na quinta-feira (28/09/2023), o trabalho com a *pedagogia de projetos* e com o *ensino de Geografia*, e, na sexta-feira (29/09/2023), participamos das *oficinas socioeducativas* oferecidas aos alunos/as. Destacamos nessa vivência:

(i) A história do nascimento da escola intimamente ligada à realidade da comunidade de Bananeiras – como nos relatou a professora Leila: a escola nasce de uma ação pedagógica alfabetizadora de trabalhadores rurais, agricultores, em Bananeiras, através do método Paulo Freire. Com a primeira turma formada, alfabetizada, esses agricultores se mobilizaram para a construção de uma escola, com essa metodologia formativa, freireana, para seus filhos. Quando visitamos a Escola Nossa Senhora do Carmo – na transição para a construção da Escola dos Nossos Sonhos – a escola já contava com a abertura para outras pessoas participarem da escola – não apenas os filhos dos agricultores. Encontramos filhos de professores universitários, comerciantes, políticos, comunidade em geral de Bananeiras, participando da escola. Esse estágio é resultado de um processo de abertura da escola, construído de modo dialógico com a comunidade de Bananeiras, ou seja, a escola ao ampliar o seu público-alvo ampliou a sua potência formativa para a cidade de Bananeiras.

(ii) O educando é o centro do processo educativo. Ao chegarmos na Escola Nossa Senhora do Carmo fomos recebidos pelos alunos. Foram

² Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/11176226/>> Acesso em: 18/02/2024

eles quem nos apresentaram, inicialmente, a escola e o projeto de construção do novo prédio, da nova escola – Escola dos Nossos Sonhos – o qual estava sendo construído ao lado do Convento do Carmo – então, sede provisória da escola. O educando, quando chega à Escola Nossa Senhora do Carmo é convidado a participar de um Conselho que o ajuda a construir um Projeto de Pesquisa composto por Trilhas Educativas. Além do Conselho de Pesquisa, há outros conselhos na escola, a exemplo do conselho que cuida da alimentação da escola e, que se relaciona com o Conselho de ensino e de pesquisa – estes atuam de modo articulado à *práxis* que se processa através da horta escolar – numa relação de unidade entre teoria e prática. Cada trilha educativa tem duração mínima de duas semanas e, um conjunto de trilhas educativas compõem um Projeto de Pesquisa dos educandos, no qual realizam a partir de temas de seu interesse. Para sua construção, os alunos são indagados, portanto, sobre “o que querem aprender”, sobre seus *temas de interesse*, a partir daí, as professoras montam as Trilhas Educativas e os projetos de pesquisa para sua execução. Cada educando monta sua Trilha Educativa com a ajuda das professoras e do Conselho de pesquisa que tem participação ativa dos educandos. Em nosso primeiro contato com essa estratégia pedagógica, conhecimentos a trilha educativa de um aluno sobre a pescaria, o educando João Vitor, nos relatou que seu interesse sobre o tema vinha da profissão exercida pelo seu pai. E, a professora nos explicava, naquela oportunidade, sobre como os conteúdos de geografia, ciências, língua portuguesa, matemática, eram trabalhados no desenvolvimento da Trilha Educativa.

(iii) Chegamos à escola Nossa Senhora do Carmo próximo da hora do lanche. Chamou nossa atenção que professoras e alunos dividem o espaço do refeitório e lancham juntos. Esse tempo compartilhado da refeição demonstrava uma relação mais próximas entre professoras e alunos. Conversamos com algumas professoras e alguns alunos da escola nesse momento. Após o lanche, nos chamou a atenção a *hora da meditação* – na qual – dentro de um pátio foi ligado um som de água corrente e todos imergimos num momento de relaxamento – nos impressionou o respeito da escola ao descanso dos alunos após o lanche, antes da retomada das atividades pedagógicas e de pesquisa. Sentimos que a dimensão humana dos alunos foi respeitada e nos fez refletir sobre nossa prática pedagógica, em nossa escola, o quanto somos/estamos escravos do relógio, do tempo produtivo e “atropelamos” essa dimensão humana de nossos educandos cedendo apenas 15min. para o intervalo que precisa comprimir o tempo alimentação-lazer-descanso e já retomar na sequência com as aulas fragmentadas, aulas que os alunos assumem apenas uma postura passiva em relação ao professor que ativamente pratica a aula. O ensino e a aprendizagem pela pesquisa, aponta caminhos para a superação dessa aulas que objetivem apenas a memorização de conteúdos ou sua verbalização pelos alunos.

(iv) Outro elemento que nos chamou atenção na escola foi a organização dos alunos nas turmas de modo não-seriado – em casa sala cada aluno convive com alunos de séries distintas nas quais os com conteúdos das disciplinas: Geografia, Matemática, Língua Portuguesa, História, Ciências etc. são trabalhados dentro das Trilhas Educativas de cada educando. Toda reflexão, ao que observamos, parte de questões

práticas, do cotidiano da vida na cidade e no campo de Bananeiras – essas inquietações dos alunos são trabalhadas de modo orientado, pedagogicamente, pelas professoras na organização das Trilhas Educativas. Chamou também nossa atenção que, os desafios dessa pesquisa, como estratégia de aprendizagem, deslocava as professoras do papel de “detentoras do conhecimento” para o papel de *mediadoras dos processos* que envolvem essa construção do conhecimento. Esse deslocamento da *aula* para a *pesquisa* exige um esforço de todos os envolvidos, nesses processos, na escola. Um Projeto de Pesquisa composto por várias Trilhas Educativas, segundo as professoras, pode durar no mínimo duas semanas e não há limite final, podendo o conjunto de Trilhas Educativas que compõem os projetos dos alunos, exceder um ano letivo. As notas dos alunos procuram não apenas traduzir numericamente suas práticas – são, por outro lado, conceituais – visando, sobretudo, a aprendizagem e, não a mera repetição/verbalização/oralidade dos alunos acerca do conhecimento construído. Embora cada aluno tenha seu projeto de pesquisa e um conjunto de trilhas educativas, esses projetos estabelecem pontos de contato entre si – numa articulação que tem papel importante as professoras – os alunos se ajudam nas pesquisas numa estratégia de monitorias – as professoras, naquilo que não podem ajudar diretamente nas pesquisas, apontam como estratégias a construção de um quadro de dúvidas, o qual fica localizado no pátio da escola e solicitam a presença, esporádica de “especialistas” para a ajudar os alunos em suas pesquisas.

(v) Se destacou em nossa observação nessa vivência, a parceria entre os membros da escola Nossa Senhora do Carmo e a comunidade de Bananeiras naquilo que Silva (2023), ao conhecer a escola, identificou como sendo uma “educação cirandeira”, na qual há forte laço de afetividade e de identidade entre escola e comunidade que ela acolhe. A defesa do território da escola, enquanto espaço para a conquista de direitos, tanto pelas professoras, quanto pelos alunos, ficou evidente em cada momento da apresentação da escola ao nosso grupo. Especialmente, na sexta-feira quando realizamos o acompanhamento da reunião dos Comitês estudantis, na roda de conversa com o Colegiado e, no acompanhamento do encontro de pais de alunos com os tutores – como os alunos chamam as professoras. Ficou também para nós, evidente que a escola procura contribuir com a formação dos alunos para além de sua inteligência cognitiva visando alcançar, também, a formação de sua inteligência emocional, afetiva, corporal, em estratégias pedagógicas que articulam a estética e a ética. Acompanhamos em nossa chegada uma oficina de construção de cadernos de campo – organizada por uma prof. da universidade Portanto, nessa perspectiva de aprendizagem que tem a pesquisa como mediação do processo de construção conhecimento essa aprendizagem se torna expressão de espaço-tempo encarnados (SILVA; HORNAT; CHININ JUNIOR, 2023), vivenciados e, geograficamente, corporificados.

(vi) O vínculo entre a escola e a Igreja, através do Carmelo, foi também por nós debatido. Especialmente, sob a ótica na tensão (epistemológica) entre o conhecimento científico e ensino confessional, religioso. Após o momento do relaxamento os alunos realizaram uma oração antes da volta à sala de aula. Ao final do primeiro dia, à noite, após uma incursão pelo centro da cidade de Bananeiras conversamos sobre essa

relação entre conhecimento científico e valores religiosos na escola à luz do princípio da laicidade do Estado brasileiro. Parte de nosso grupo entendeu como obstáculo à construção do conhecimento científico a dimensão confessional da escola e, parte do grupo entendeu como um elemento que não traria essa dificuldade. Entendemos que a relação com o Carmelo é integrante da história de formação da escola, desde a formação originária de adultos, agricultores e, que talvez esse aspecto confessional, na nova fase da escola seja coletiva e, democraticamente, afastado da nova identidade da escola – Escola dos Nossos Sonhos.

A experiência de visita a Escola Nossa Senhora do Carmo, em breve, Escola dos Nossos Sonhos, foi marcante em nosso processo formativo no doutorado. Para o atual ano de 2024, pretendemos, na escola Nossa Senhora Aparecida, no Mutirão, em Campina Grande, na Paraíba, apresentar, ainda no primeiro semestre, uma síntese dessa visita e da rica experiência imersiva realizada por nós no ano de 2023 e, agendarmos uma segunda visita, na nova oportunidade, com os membros de nossa escola e da UFPB. Dando, assim, continuidade, aos esforços do ano de 2023 de articulação entre escola e universidade.

Buscando construir e fortalecer o diálogo entre a Escola Nossa Senhora Aparecida e as Universidades (UFPB-UFCG), na direção de uma educação geográfica científica e emancipadora participamos, ainda no primeiro semestre de 2023 do Seminário Inaugural *Fontes para a história da Geografia escolar: Leis, livros didáticos, currículos e programas das províncias do Brasil* Coordenado pela Prof^a Dr^a. Adailza Martins de Albuquerque – realizado logo após a Disciplina pela professora “Dadá” ministrada, conjuntamente, com o Prof. Dr. Aldo Gonçalves de Oliveira (UFCG-Cajazeiras), intitulada: *Percurso Histórico da Geografia Escolar Brasileira*, do PPGG-UFPB, em parceria com o Mestrado Profissional em Geografia, (PROFGEO) da UFCG – por nós cursada no Doutorado.

Em ambos os momentos, discutimos temas importantes para nossa pesquisa doutoral como: (i) a tensão entre o currículo prescrito e o currículo praticado na escola; (ii) a escola enquanto espaço de construção/produção de conhecimento científico e, não apenas mera reprodução do conhecimento sistematizado, acadêmico; (iii) o professor-reflexivo e o professor-pesquisador e, suas implicações com a pesquisa praticada na escola; (iv) relação escola-universidade, na construção de uma *rede colaborativa de pesquisa* e de *formação continuada*, na escola, para os professores; (v) limites e possibilidades da *pesquisa ação*, da *pesquisa participante* e da *pesquisa colaborativa* na escola. Esses temas foram por nós aprofundados na disciplina *Metodologias para o ensino de geografia*, no segundo semestre de 2023.

Buscando a abertura e a manutenção do diálogo entre a escola e a universidade, em março de 2023 iniciamos as aulas da Disciplina do Doutorado (PPGG-UFPB) *Tópicos Especiais: Geopolítica e Geografia da fome: pensamento brasileiro* ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso (PPGG-UFPB). Nela realizamos encontros às terças-feiras, pela manhã, durante todo o primeiro semestre de 2023 de aulas do PPGG-UFPB, com a participação de doutorandos e mestrandos em Geografia, e de professores convidados. Também realizamos uma atividade de campo/pesquisa visitando o Centro Agroecológico Elisabeth e João Pedro

Teixeira (CAEJT) no Município vizinho a Campina Grande, Lagoa Seca. Nesse espaço conhecemos as ações desenvolvidas pelo Movimento dos Sem Terra (MST) na produção de alimentos agroecológicos que foram ofertados a algumas cozinhas comunitárias de Campina Grande-PB, no período pandêmico, a exemplo da Cozinhas Comunitária do Jeremias. Estamos dialogando com o coordenador Noaldo para levarmos, no ano de 2024, membros de nossa escola, Nossa Senhora Aparecida, no Mutirão, para conhecer o projeto *Sábado Campesino* planejado com o Janailson e a Gilmara – agentes da transformação social no CAEJT.

Nesse desafio coletivo surgiram como propostas temáticas subjacentes à fome – tema central de nossa disciplina com o Prof. Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso: (i) Segurança alimentar: a FAO (OMS, 2006) e a CRFB de 1988; (ii) democratização do acesso ao alimento; (iii) Mas qual alimento? O saudável, o agroecológico, compreendido nas tensões com a proposta da Revolução Verde; (iv) as escolas do campo e a agroecologia como currículo emancipador; (v) Sustentabilidade e cooperativismo: agricultura familiar e agroecológica *versus* agronegócio e as *commodities*; (vi) Análise da mudança da metodologia do Censo agropecuário e suas conseqüências; (vii) as/os tutelas/tutores da fome: a fome como negócio; (viii) as resistências não-institucionais: *Ação da cidadania: quem tem fome, tem pressa!* E, sua relação com as cozinhas comunitárias: o exemplo do viaduto São Paulo que se auto-regulava e dentre seus agente figurou, durante a pandemia por Covid-19, o Padre Julio Lancellotte; (ix) a fome na fronteira do debate entre a *agroecologia* e a *revolução verde* no semiárido: a fome na esteira da ruptura do paradigma de combate a seca para a consolidação de estratégias (geopolítica) de convivência com a seca; (x) a fome na esteira das políticas públicas (geopolíticas): Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE); (xi) a idéia de natureza no currículo da escola do campo; (xii) energia solar *versus* espaços produtivo: o debate acerca das estações de energia solar no território de Santa Luzia, na Paraíba, que ocupa, atualmente, áreas que, anteriormente, eram dedicadas ao plantio de alimentos.

Em síntese, podemos dizer que, para a escola o tema da fome se reveste de máxima prioridade às nossas crianças e adolescentes, na educação básica e a geografia, em especial, a geopolítica, oferece-nos elementos teóricos para essa reflexão. As ações de enfrentamento à fome, em todas as suas escalas, ganham com essa relação entre articulação entre a escola e a sociedade urbana um modo estratégico de enfrentamento. Conhecemos no *III Seminário Ibero-Americano: disciplinaridade e transdisciplinaridade na pesquisa do semiárido brasileiro* realizado na UEPB entre os dias 30 de maio e 3 de junho uma experiência de horta construída na parceria entre escola e universidade – uma horta construída como laboratório vivo – voltado tanto para a pesquisa, na qual construíram um repelente natural para o combate ao mosquito da dengue que também nos aponta caminhos possíveis para esse diálogo entre escola e universidade.

E, entre 6 e 7 de Julho de 2023 participamos do *I Seminário Integrador PROFGEU UFCG: A prática pedagógica e a pesquisa em educação*

geográfica – realizado no *campus I* da UFCG. Nele tivemos na Mediação o Prof. Dr. Lenilton Francisco de Assis (UFPB), o Prof. Dr. Aldo Gonçalves de Oliveira (UFCG-Cajazeiras) e o Prof. Dr. Rodrigo Pessoa (UFCG-Cajazeiras) num diálogo em torno da pesquisa enquanto elemento renovador das nossas práticas pedagógicas, na escola. Ou seja, professores e professoras dialogando sobre suas práticas de ensino e pedagógica, a partir de investigações científicas desenvolvidas sobre estas práticas, nas escolas e nos territórios de suas atuações.

Na nossa pesquisa doutoral refletimos durante todo o ano de 2023 a partir de experiências que apontam-nos para a realização de uma *formação continuada de professores* em nossa escola, para o ano de (2024), voltada para a *pesquisa colaborativa entre docentes* de nossa escola, e, de outros docentes de escolas públicas, juntamente da Universidade – tendo como objeto a cidade, em especial, os museus. Uma pesquisa que será metodologicamente mediada pela: *pesquis(a)ção*, *pesquisa participante*, e a *pesquisa colaborativa*. Desde a nossa chegada à escola Nossa Senhora Aparecida, no ano de 2019, temos professores entrando em Programas de Pós-Graduação Mestrado e Doutorados – entendemos que estas pesquisas podem aproximar a escola e a universidade em torno da pesquisa, em suas áreas de atuação – qualificando o serviço prestado à comunidade do Mutirão, em Campina Grande, na Paraíba.

Buscando articular o diálogo entre a nossa Escola e a Universidade, no primeiro semestre de 2023 participamos do III Seminário Ibero-Americano realizado pela Universidade Estadual da Paraíba, Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizado entre 30 de maio e 06 de junho, com realização de trabalho de campo de 5 dias de atividades de imersão no Agreste, Sertão semiárido paraibano e Zona da Mata – com um grupo multidisciplinar investigando a relação educativa entre o sertanejo e a natureza semiárida paraibana, suas potencialidades, desenvolvidas em ações estratégicas de *convivência*. Nessa direção, abrimos diálogos com professores doutores de Portugal e da Espanha e do Sertão ao Litoral paraibano. Trabalhamos no Grupo de Trabalho (GT) *Educação no semiárido*. Nesta oportunidade conhecemos o projeto de fabricação de um repelente ecológico de combate a Dengue e a Zica, desenvolvido como política pública pela Prefeitura de Junco do Seridó³; dormimos uma noite no Pico do Jabre; Visitamos o município de Patos e percorremos os vestígios de sua Modernidade nos trilhos e estações de trem, sob esta ótica também visitamos Itabaiana e Campina Grande com uma mediação especial do prof^a Dr. Doralice Sátyro Maia – com que estamos cursando (2023.2) a Disciplina do PPGG-UFPB: *Tópicos especiais - A cidade e o urbano: geografia histórica, morfologia urbana e cotidiano* – na qual buscamos elementos para esse diálogo entre a nossa escola, Nossa Senhora Aparecida e o espaço urbano de nossa cidade, Campina Grande, numa dimesão geográfico-pedagógica, aprendiz. Nessa direção, MAIA (2018) oferece-nos elementos conceituais que subsidiam a *Leitura geográfica da cidade* a partir da análise de processos e transformações pelas quas passa o espaço geográfico da cidade, sua

³ Disponível em: << <https://uepb.edu.br/projeto-zika-uepb-inicia-etapa-de-distribuicao-de-repelentes-naturais-na-cidade-de-junco-do-serido/>>> Acesso em: 22/10/2023

espacialidade nas relações entre centralidades e periferias. Elementos analisados por Maia (2018) sob a ótica da *Geografia Urbana e Histórica*. Essa contribuição de Maia (2018) se consorcia às propostas de *educação geográfica* de Pinheiro (2018) em capítulo intitulado: *Educação geográfica: práticas educativas e formação de professores* – ambos da obra *Pesquisas geográficas: cidades, trabalho e educação* organizada por Lima (2018) no PPGG-UFPB.

Pinheiro (2018) nos oferece como contribuição à essa articulação entre a escola e a universidade, através da educação geográfica, a partir da *formação continuada para professores* estruturada em três eixotemáticos – temas pesquisados pelos seus orientandos do doutorado no PPGG-UFPB, respectivamente: *Os mapas mentais para leituras do mundo no ensino-aprendizagem de geografia: experiências com alunos da Educação Básica* (ALMEIDA, 2018); *O estudo do meio como metodologia para a discussão dos problemas ambientais urbanos: o caso do Rio Cabedêlo* (LIMA JÚNIOR, 2018); *Formação de professores e uso das geotecnologias no ensino-aprendizagem de Geografia* (SILVA, 2018). Esses elementos: a) os mapas mentais; b) estudo do meio; e c) a formação de professores. No nosso entendimento, os mapas mentais podem contribuir na transformação das experiências dos alunos do ensino fundamental e médio em objetos de pesquisa, na escola. Já o estudo do meio, um caminho para o professor organizar, metodologicamente a saída da escola (BEZERRA, 2017). Essa experiência, organizada entre professores de uma mesma escola, na direção de articulação com professores de outras escolas, numa experiência compartilhada de pesquisa pode, no nosso entendimento, subsidiar a construção de uma *formação continuada* para estes professores – tendo suas práticas: de ensino, pedagógica e didática com seus alunos, como eixo estruturante. Portanto, a educação pela pesquisa no nosso entendimento pode contribuir na mediação de uma *formação continuada para professores* que se processa através da articulação entre a escola e a cidade, entre a escola e os museus, entre a escola e a universidade.

Experiência de diálogo entre a escola e a cidade: Campinaandando

Na EEEFM Nossa Senhora Aparecida, no bairro do Mutirão, as ações dialógicas aqui apresentadas foram objeto de nosso Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) construído em consonância com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da nossa escola para o ano de 2023, o qual teve como tema: *Ações de pesquisas na realização da educação inclusiva: educar para autonomia e protagonismo do aluno no ambiente escolar* – com estas ações o nosso projeto da disciplina de Geografia, na escola, intitulado: *Educação geográfica pela pesquisa: a pedagogia de projetos e a rotação das estações de aprendizagem como estratégias de inclusão e ampliação e dos territórios aprendizes entre a escola e a cidade* foi premiado pelo Programa de Incentivo à pesquisa na escola, do Governo do Estado da Paraíba, intitulado: *Mestres da Educação* e, nossa escola, nesse mesmo ano, também ganhou o edital dedicado à escola, intitulado: *Escola de Valor*. Esse importante instrumento de incentivo à pesquisa, na escola, no nosso entendimento, como política pública, merece ser aferido e aperfeiçoado.

Os conjuntos de ações pedagógicas desenvolvidas na Disciplina de Geografia no ano de 2023, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, Nossa Senhora Aparecida tiveram como eixo-central, a proposta da *inclusão* em sua multidimensionalidade e, a sua mediação metodológica foi realizada através *educação geográfica pela pesquisa* (DEMO, 1998, 1999). Em nossa pesquisa doutoral pensada enquanto prática geográfico-pedagógica – construída a partir de uma ação, um pensar-agir e um pensar pela geografia (CAVALCANTI, 2019) nossas práticas. Isso na direção da realização de ações instauradoras de sujeitos e espaços sociais, em nossa escola e, na cidade de Campina Grande, de ambiências geográficas (REGO, 2006). Ambiências voltadas para sua dimensão aprendiz, através de outros *espaços e tempos desacostumados* (LOPES, 2018). Essa multidimensionalidade da inclusão foi articulada pela *pedagogia de projetos* (DIAS; PEREIRA; CARVALHO, 2020) e a *Rotação por estações de aprendizagem*⁴ como *estratégias de inclusão* e ampliação e dos *territórios aprendizes* entre a escola e a cidade de Campina Grande.

Nessa busca pela construção de um arcabouço teórico-metodológico para a construção de uma *educação geográfica pela pesquisa*, articuladora de ações aprendizes entre a escola e a cidade, entre a escola e a universidade, realizamos alguns *cursos de formação continuada* na modalidade à distância, EAD e presenciais. Dentre aqueles realizados à distância: *Ensino híbrido: como fazer na minha escola?* Por meio da plataforma Escolas Conectadas, em parceria com o Centro Universitário Braz Cubas, no período de 27/03/2023 a 08/05/2023, com carga horária total de 54 horas. Nele estudamos a *Rotação por estações de aprendizagem* como estratégia de aprendizagem geográfica no Ensino Fundamental II, com as turmas de 7º Ano A e B. Ainda na modalidade EAD foi realizado o curso livre *Metodologia da Pesquisa Científica* oferecido pela Fundação Oswaldo Cruz, no período de 21/03/2023 a 05/04/2023, com duração de 40 hora(s). Essa discussão sobre a metodologia científica e a atividade de elaboração de projetos de pesquisa temos a contribuição de Maia (2002) *Notas sobre a elaboração de projetos de pesquisa: uma contribuição ao ensino de metodologia da pesquisa geográfica* na qual a autora busca contribuir com a articulação entre: ensino de geografia (universidade); projeto de pesquisa; e metodologia científica. Assim, segundo a autora:

Um projeto de pesquisa pode ser dividido em etapas. Estas variam conforme os critérios de instituições, normas de cursos, agências financiadoras, etc. No entanto podemos dizer que geralmente as etapas que compõem um projeto são as seguintes: a) tema; b) objetivos; c) justificativa; d) problemática; e) hipóteses; fundamentação teórica ou revisão da literatura; metodologia ou procedimentos; f) cronograma; g) recursos; h) bibliografia (MAIA, 2002, p. 24).

Com o objetivo de abrir o diálogo entre nossa escola e a UFCG, durante o terceiro bimestre tecemos a parceria da Extensão Universitária Campinaandando desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino, Meio Ambiente e Cidade (GEMAC-UFCG) coordenado pelo Prof. Dr.

⁴ Disponível em: << Para uma aula diferente, aposte na Rotação por Estações de Aprendizagem | Nova Escola>> Acesso em: 10/11/2023

Luiz Eugênio Pereira de Carvalho, Professor Titular do Departamento de Geografia da UFCG e membro do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPB – PPGG-UFPB – orientador de nossa pesquisa doutoral em Geografia que se iniciou em 2023. Nesta Extensão *Campinaandando* realizamos uma caminhada temática a cada primeiro sábado de cada mês durante o segundo semestre de 2023. Na escola Nossa Senhora Aparecida, estas ações foram construídas juntamente com a Professora de Arte, Mardileide um roteiro para levarmos uma turma de nossa escola a dois museus da cidade de Campina Grande. Essa caminhada temática com os educandos de nossa escola ficou planejada para ser realizada no primeiro semestre de 2024 a partir do planejamento construído nas experiências andantes por Campina Grande, durante todo o segundo semestre de 2023. No primeiro sábado de cada mês realizamos uma caminhada temática pela cidade de Campina Grande, na Paraíba. A seguir uma sucinta síntese de nossas caminhadas investigativas com o grupo Campinaandando.

A primeira caminhada temática do projeto Campinaandando foi: *As águas do Açude Velho: um outro olhar sobre Campina* – com duração de 3 horas: a) Início – Os Monumento “Os Pioneiros” b) Parada 1 - Confluência Riacho das Piabas/Açude Velho c) Parada 2 - Hall do Museu de Arte Popular da Paraíba d) Parada 3 – Monumento Farra da Bodega e) Parada 4 – Museu Digital f) Parada 5 – Parque do Povo – Últimas conversas.

A segunda caminhada temática – *Tipos de moradia em Campina Grande*. Visitamos o bairro do Pedregal, Malvinas, o Conjunto Habitacional Aluizio Campus e o bairro do Mirante. Observamos e conversamos sobre os desafios que cada bairro, cada *modo de morar* enfrenta no cotidiano da vida na cidade.

Terceira Caminhada temática - Se visita Zé Pinheiro! Primeira vivência: abrigo do José Pinheiro: visitamos o bairro, a partir da centralidade comercial da rua Campo Sales, Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP), Igrejas, Fábricas, Espaços de Sociabilidades, Praças, Parque Poliesportivo, nos encontramos no Abrigo do Zé Pinheiro; segunda vivência: visita a Bodega Agazão: as bodegas constituem uma relação comercial pautada na boa fé e confiança que se estabelece na compra de um produto para se pagar depois, com isso o nome do cliente entra na lista seleta da confiança do bodegueiro. O Prof^o Dr^o Lincoln Da Silva Diniz, Professor de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) tem pesquisado o tema e nos apresentado várias bodegas que resistem a digitalização da economia, cada vez mais pautada na impessoalidade – cartão de crédito, Pix etc.. Em sua Dissertação de Mestrado intitulada: *As bodegas da cidade de Campina Grande. objetos de permanência e transformação do pequeno comércio no bairro do José Pinheiro* Diniz (2004) nos trouxe um arcabouço teórico para nossa conversa em nossa visita ao bairro do José Pinheiro. Terceira vivência: Igreja Católica do José Pinheiro: em 2020 a Paróquia de São José, no Bairro do José Pinheiro foi marcada por uma tragédia: a explosão de cilindros que enchiam balões provocando a morte de pessoas. Em 2014 completou-se 40 anos da tragédia; Quarta vivência: Praça do bairro do José Pinheiro: A Pracinha do José Pinheiro – espaço de sociabilidade localizada na quadra paralela a Rua Campo Sales. Quinta vivência: fábrica de calçados *Dom Diego*: O bairro do José Pinheiro possui várias

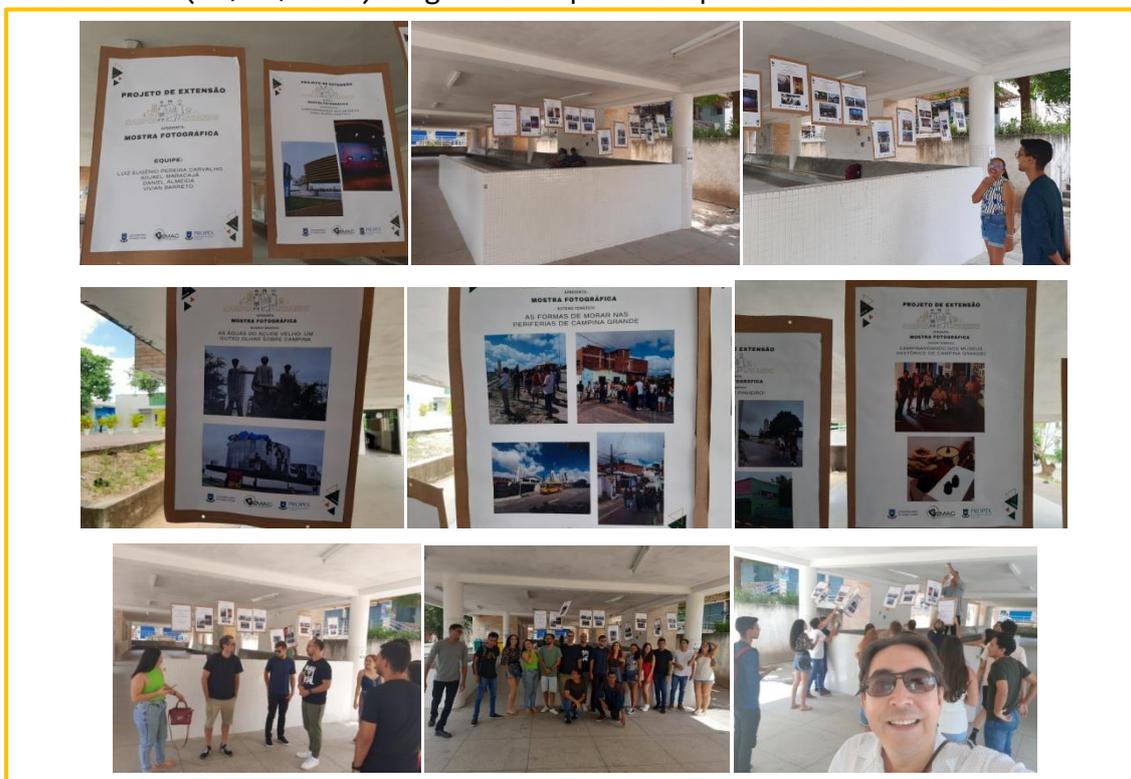
fábricas de calçados e a presença delas constitui elemento da identidade do Bairro. Além das Fábricas o bairro conta com a presença da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP); Sexta vivência: Visita a Vila Olímpica Plínio Lemos: A Vila Olímpica Plínio Lemos - espaço poliesportivo.

Quarta caminhada temática do projeto de extensão: *Campinaandando nos museus* - ao longo do mês de setembro foram visitados quatro museus de Campina Grande: em uma visita por semana. Primeiro, visitamos o Museu Histórico e Geográfico (localizado no prédio do antigo Telégrapho) e no mesmo dia o Prédio da Reitoria da Fundação da Universidade Regional do Nordeste (FURNE), no se localiza o Museu de Arte Assis Chateaubriand (MAAC); o segundo sábado do mês de setembro visitamos o Museu de Arte Popular da Paraíba (MAPP) mais conhecido como o Museu dos Três Pandeiros juntamente; no terceiro sábado, o Museu do Algodão, na Estação Velha, e, no quarto sábado o Museu Digital.

Na quinta caminhada temática, intitulada: *As águas invisíveis da cidade* - nos encontramos na Praça do Viaduto da Av. Floriano Peixoto e conversamos sobre a morfologia da paisagem ali presente, a do Riacho das Piabas, canalizado e passando por baixo da praça onde estávamos; caminhamos em direção ao Açude Velho, passando pela Bifurcação do canal em sua entrada no Bairro do José Pinheiro.

Esse conjunto de caminhadas temáticas na Extensão Campinaandando teve como culminância a realização de uma exposição fotográfica no Hall do Centro de Humanidades da UFCG (Bloco BG), em Campina Grande:

Figura 1 - Mostra Fotográfica Campinaandando realizada no Hall do Bloco BG da UFCG (12/12/2023) organizada pelo Grupo de estudos GEMAC.



Fonte: Daniel Almeida Bezerra

A pesquis(a)ção e a pedagogia de projetos na mediação metodológica do diálogo entre escola e a cidade e entre a escola e a universidade

Na articulação entre nossa prática geográfico-educativa, na escola, e na nossa pesquisa doutoral na unviersidade, a pesquis(a)ção em curso se justifica, na medida em que busca uma educação significativa na vida de nossos educando e, estabelece a ponte metodológica entre estas ações. Pois, sabemos que a aprendizagem e outras dimensões do conhecimento se constroem para além das aulas expositivas, dentro das salas de aula. Com a *educação geográfica pela pesquisa* procuramos contribuir com a instauração - de outros tempos e espaços desacostumados (LOPES, 2018), aprendizes, entre a escola e a cidade, entre a escola e a universidade. Estes são elementos de uma *educação geográfica pela pesquisa* que se processa nos diálogos entre nossa escola e as universidades, e outros espaços públicos do município de Campina Grande e, da Paraíba, e, se expressa em sua *multidimensionalidade*: cognitiva e afetiva, unidas em uma *práxis* - um enredamento entre teoria e prática com fins à transformação de nossa realidade no bairro do Mutirão.

Nosso objetivo geral com estas ações colocaram em diálogo a EEEFM Nossa Senhora Aparecida e as Universidades, museus, teatro, feira-livre, cidades, parques ambientais, projetos científicos, escolas públicas, foi o de interagir para fortalecer a construção de uma *rede colaborativa de pesquisa* e de *formação continuada*, na escola, a partir de relações que envolvam Ensino, Pesquisa e Extensão, num diálogo construtivo entre a Escola e a Universidade.

A metodologia adotada em nossa pesquisa de doutorado foi/está sendo a pesquis(a)ção (BARBIER, 2007; ENGEL, 2000; TRIPP, 2005; THIOLENT, 2002). Ela se encontra em andamento e busca construir através do diálogo entre as pessoas, as instituições, os espaços - pavimentando as pontes entre a Escola e a Universidade com a *educação pela pesquisa* (DEMO, 1998), da *pesquisa enquanto princípio educativo* (DEMO, 1999) e assim como Zeichner (1998) propõem - o professor-reflexivo sobre sua própria prática busca transformar o espaço escolar em espaço de produção de conhecimento e não apenas reprodução.

A pesquis(a)ção foi objeto de reflexões na escola no ano de 2022. Naquela oportunidade a Professora Valneide, de Matemática, nos relatava da metodologia de sua pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Matemática. Ela nos relatava da importância de fazermos de nossa *prática pedagógica* o campo de nossa *investigação científica*, ética, política, cidadã. Quando debatemos na nossa escola o direito de uma educanda do Ensino De Jovens e Adultos (EJA), grávida, ao pré-natal, no posto de saúde do bairro, ou diante da impossibilidade, da necessidade de transporte para levá-la até um atendimento em outro bairro; a importância da vacina e de fazer de nosso espaço escolar, também um lugar de vacinação, de informação e práticas de combate ao *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da Dengue e da Chikungunya, são alguns dos desafios que se apresentam à nossa comunidade escolar, no bairro do Mutirão, em Campina Grande, na Paraíba, e, que podemos enfrentar com a educação geográfica pela pesquisa.

Este quadro revela-nos, a partir de nosso cotidiano, o horizonte desafiador a partir do qual levantamos o problema de nossa tese doutoral: quais às contribuições da educação geográfica pela pesquisa na articulação entre a Geografia escolar e a cidade, visando a construção de uma proposta de educação integral, para as escolas regulares, na rede estadual de ensino da Paraíba?

Assim, a pesquis(a)ção é uma pesquisa social, empírica, que possui “estreita associação com uma ação ou com a *resolução de um problema coletivo* e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão *envolvidos de modo cooperativo ou participativo*” (THIOLLENT, 2002, p. 14). As ações de nossa pesquis(a)ção se expressam, portanto, no conjunto de diálogos sobre educação geográfica e ensino de Geografia, que une escola e universidade. Assim, a partir da relação entre pesquisa e prática pedagógica, buscamos na escola, qualificar o ensino e a aprendizagem da Geografia, pois, “se compreende a prática de modo a melhorá-la na pesquisa-ação, [...]” (TRIPP, 2005, p. 450). Nesse sentido, a:

A pesquisa-ação reconhece que o problema nasce, num contexto preciso, de um grupo em crise. O pesquisador não o provoca, mas constata-o, e seu papel consiste em ajudar a coletividade a determinar todos os detalhes mais cruciais ligados ao problema, por uma tomada de consciência dos atores na ação coletiva. (BARBIER, 2007, p. 54).

A pesquisa aqui apresentada é resultado de um esforço coletivo de superação dos desafios que a pandemia por Covid-19 nos impôs. E busca contribuir no desenvolvimento de competências e habilidades não apenas cognitivas, mas emocionais, corporais, estéticas e éticas, política dos sujeitos nela envolvidos. Assim “[...] a pesquisa-ação começou a ser implementada com a intenção de ajudar os professores na solução de seus problemas em sala de aula, envolvendo-os na pesquisa.” (ENGEL, 2000, p. 182). Portanto, a pesquis(a)ção é o processo a partir do qual o professor faz de sua prática pedagógica – seu conjunto de estratégias, por ele utilizadas, para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem – o objeto de suas reflexões, avaliações, proposições, superando a idéia de uma educação, exclusivamente, por aulas, por uma *pedagogia de projetos* (DIAS; PEREIRA, CARVALHO, 2020) uma *educação pela pesquisa* (DEMO, 1998; 1999), e fundada *pedagogia da pergunta* (FREIRE, 1985).

Com esta pesquisa buscamos contribuir com a abertura e a manutenção do diálogo entre *Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida, no Mutirão, e a Universidade* (UFPB/UFCG), entre a *escola e a cidade* como estratégia pedagógica de inclusão e ampliação dos territórios geográficos educativos, outros tempos e espaços aprendizes. Nessa direção dialogamos com Singer (2015) quando nos propõe o conceito de *território educativo*. Este conceito, metodologicamente se articula aos conceitos de geração de ambiências (REGO, 2006) e de Hermenêutica instauradora proposto por Rego e Suertegaray e Heidrich (2001). Esses elementos apontam para a construção de uma pesquisa participante, colaborativa, na escola, entre escolas e entre escolares sobre esta

relação entre este espaço formativo e a cidade numa dimensão educadora (BEZERRA, 2017).

CONSIDERAÇÕES

Os resultados de nossa pesquisa trazem contribuições para questões que são vivenciadas pela comunidade do Mutirão em seu cotidiano – a exemplo da semana em que as escolas estiveram sob ameaça de ataques – a nossa escola reuniu em seu território todos os seus membros: Gestão, Familiares, Professores, Pessoal do Apoio – para juntos decidirmos o melhor modo de nos proteger daquelas ameaças.

Esta experiência de *educação geográfica pela pesquisa* vem sendo construída, coletivamente, na Escola Estadual, de Ensino Fundamental e Médio, Nossa Senhora Aparecida, no Bairro do Mutirão, em Campina Grande, na Paraíba. E teve como impulso inicial as ações desenvolvidas na escola, no ano de 2022, com o Projeto intitulado: *Ler geograficamente nosso Lugar (mutirão) para compreender e transformar nosso mundo: criando territórios educativos na escola a partir da pedagogia de projetos* – este projeto-ação-pedagógica nos conduziu ao Doutorado em Geografia no ano de 2023, no PPGG-UFPB. Ele está em curso, num movimento que enreda as ações pedagógicas escolares com a pesquisa doutoral. Com este diálogo entre Escola Pública e Universidade buscamos expandir a rede de pesquisadores em torno da educação geográfica e ao mesmo tempo fortalecer a comunidade escolar do Bairro do Mutirão – fortalecer os laços da comunidade do Mutirão com estes espaços, escola, universidades, museus, feiras-livres, espaços de seu cotidiano de *modo refletido, problematizado, engajado* para a construção social das soluções. Ou seja, fortalecer a Comunidade Escolar do Mutirão, a Universidade, a pesquisa e a educação geográfica – numa práxis dialógica – é ampliar os horizontes de significado de nossa existência.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Lenilton Francisco de. **Formação de professores de geografia e políticas educacionais: duas décadas de mudanças e desafios (2002-2022)**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2023.
- BARBIER, R. **A Pesquisa-Ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber, 2007.
- BEZERRA, Daniel Almeida. **Arte de caminhar na cidade: educando o olhar geográfico em andanças no centro de Campina Grande-PB**. 2017. 324 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Ed. 3. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1998. 148 p.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. Ed. 6. São Paulo: Cortez, 1999.

DIAS, Angélica Maria de Lima; PEREIRA, Karla Sabrina de Souza; CARVALHO, Luiz Eugênio Pereira. **Pedagogia de projetos em geografia**. Campina Grande-PB: EDUFPG, 2020. 187 p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Bases teórico-metodológicas da geografia: uma referência para formação e a prática de ensino. In: _____ **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas-SP: 2008. p. 39-62 (Coleção magistério, formação e trabalho pedagógico).

ENGEL, G. I. **Pesquisa-ação**. Educar, Curitiba, n. 16, p. 181-191, 2000.

GALLO, Sandra. **Cidade e ensino de geografia: contribuição a uma educação da e para a cidade**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2008. 228 p.

LIMA JUNIOR, Guibson da Silva. **Os problemas socioambientais no ensino de geografia: as questões locais nos anos finais do ensino fundamental**. Tese. João Pessoa-PB, 2021. 233 f.

LOPES, Jader Jane Moreira. **Geografia e educação infantil: espaços e tempos desacostumados**. Porto Alegre-RS: Mediação, 2018. 112 p.

MAIA, Doralice Sátyro. Notas sobre a elaboração de projetos de pesquisa: uma contribuição ao ensino de metodologia da pesquisa geográfica. **Cadernos do Logepa**. João Pessoa, Vol.1 n. 1, Jan/Junho-2002, p. 23-28.

_____. Leituras geográficas da cidade: processos e transformações em João Pessoa-PB. In: LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de. (Org.). **Pesquisas geográficas: cidades, trabalho e educação**. João Pessoa-PB: Editora da UFPB, 2018. p. 11-32

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Cinco chaves para uma alimentação mais segura - manual**. Genebra-Suíça, 2006. 30 p.

PINHEIRO, Antônio Carlos. Educação geográfica: práticas educativas e formação de professores. In: In: LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de. (Org.). **Pesquisas geográficas: cidades, trabalho e educação**. João Pessoa-PB: Editora da UFPB, 2018. p. 133-134

REGO, Nelson; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; HEIDRICH, Álvaro. O ensino de geografia como hermenêutica instauradora. **Terra Livre**. São Paulo, n. 16. p. 169-194, 2001.

SANTOS, Joanna Luísa Barros dos; CARVALHO, Luiz Eugênio Pereira; DIAS, Angélica Mara de Lima. Jogos pedagógicos: inovações para ensinar geografia do lugar **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 5 , n . 9, p. 65-73, jan./jun. 2018.

SILVA, José Ramos Barbosa da. A escola dos nossos sonhos: a pedagogia cirandeira no processo ensino-aprendizagem da Escola Nossa Senhora do

Carmo (Bananeiras – PB). **Anais do VIII Congresso Nacional de Educação**. João Pessoa-PB, 2023. 12 p.

SILVA, Joseli Maria; HORNAT, Marcio José; CHININ JUNIOR, Alide Baptista. **Corpos e geografia: expressões de espaços encarnados**. Ponta Grossa-PR: Todapalavra, 2023. 560 p.

SINGER, Helena (org.). **Territórios educativos: experiências em diálogo com o bairro-escola**. São Paulo: Moderna, 2015. Coleção territórios educativos; v. 1

SUERTEGARAY, Dirce. **Meio, ambiente e geografia**. Porto Alegre-RS: Compasso, 2021. 145 p.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Universidade de Murdoch. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p. 443-466, set/dez. 2005.

ZEICHNER, Kenneth M. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico In: GERALDI, Corinta M.; FIORENTINI, Dario & PEREIRA, Elisabete M. (orgs.) **Cartografia do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas, Mercado de Letras?ABL, 1998. pp. 207-236.

Contato dos autores:

Autor: Daniel Almeida Bezerra
E-mail: bezerradanielalmeida@gmail.com

Autor: Luiz Eugênio Pereira Carvalho
E-mail: luizeugenio-carvalho@gmail.com

Manuscrito aprovado para publicação em: 04/06/2024